

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 72

Data: 02.02.73

Pg.: _____

Ofensa ao pudor do índio causou a vingança

114/75
FEVEREIRO DE 1973

MANOEL LIMA
Correspondente em Manaus

Os abusos de um trabalhador que tentou seviriar uma índia foram o principal motivo da chacina dos três funcionários da Funai pelos waimiris-atroaris. O trabalhador, empregado da empreiteira da estrada Manaus-Caracará, já não estava no subposto da Funai, mas os índios desfecharam o ataque como vingança.

Quem conta todos os detalhes da chacina e das razões que a teriam provocado é o sobrevivente Luís Duarte, também funcionário da Funai, um índio aculturado de 19 anos e que conseguiu fugir dos waimiris-atroaris, no dia do ataque.

Luís contou ontem em Manaus que os índios esperaram seis meses para realizar o ataque ao subposto da Funai. Toda a história começou em julho do ano passado, quando o 6.º Batalhão de Engenharia e Construções contratou os serviços de André, um comerciante que iria se encarregar dos mantimentos para os homens do desmatamento da estrada Manaus-Caracará, BR-174.

As turmas de manutenção de André chegaram à foz do rio Alalau, muito antes do pessoal da Funai que também apoiava as turmas de desmatamento e era comandado pelo sertanista Gilberto Figueiredo Pinto.

Na foz do Alalau, onde estavam acampados, os homens de André encontraram um grupo de índios waimiris-atroaris, acompanhados de suas mulheres e filhos. Os índios perguntaram pelo "papai Gilberto" (o sertanista) e os mateiros de André afirmaram que ele só chegaria várias luas depois.

OS ABUSOS

Os índios resolveram acampar no mesmo local e houve troca de presentes entre eles e os brancos. Jantaram juntos e, a princípio, era bom o entendimento. Mas um dos homens de André, depois da refeição, começou a brincar com as mulheres dos índios e chegou a cometer vários excessos. Os homens da tribo, calados, nada disseram. Limitaram-se a observar os gestos obscenos do homem branco. Este, no entanto, quis ir ainda um pouco mais longe. Começou a gargalhar e tirou toda a roupa "para ficar igual aos índios". A certa altura, para aumentar a identidade, amarrou os órgãos sexuais com um cipó, como fazem os atroaris. Os índios, calados, apenas olharam e foram embora.

Um dos mateiros, habituados com a vivência dos índi-

genas, chamou a atenção dos colegas para a cena e disse: "Isso não pode dar em boa coisa".

Em outubro, um grupo de índios — só homens — voltou ao local, na foz do Alalau, onde já estava instalado o subposto da Funai. Luiz Duarte diz que quando os índios fazem uma visita sem as mulheres, é porque alguma coisa não está certa, é sinal de guerra.

Os waimiris chegaram perguntando onde estava o "pai Gilberto". Os homens de André receberam-nos com brincadeiras, mostrando-lhes revistas obscenas, de mulheres nuas e perguntando "onde estavam suas Marias". Mulher para os waimiris-atroaris é Maria. Sem reagir, os indígenas se retiraram, calados.

Depois disso, chegou ao subposto o sertanista Gilberto Pinto junto com as turmas de desmatamento da estrada Manaus-Caracará. O acontecimento foi festejado pelos trabalhadores do 6.º BEC e pelos indígenas. Houve novamente troca de presentes.

Terminada a festa, as turmas do empreiteiro André deixaram o local e no subposto ficaram apenas quatro homens do sertanista Gilberto Pinto: Altamir Cardoso Aguiar, Ernesto Nascimento de Aguiar, Rafael Padilha e Luís Duarte.

No dia 16 de janeiro, 20 índios voltaram ao subposto do Alalau. Dormiram lá e no dia seguinte, brancos e índios almoçaram juntos e trocaram presentes. Os três funcionários da Funai desconheciam os fatos que haviam ocorrido em julho.

Após o almoço, dois dos funcionários da Funai — Ernesto e Altamir — estavam afastados do acampamento, quando Rafael e Luís Duarte perceberam que alguma coisa de anormal estava ocorrendo com os waimiris, pois um deles procurava se afastar em direção ao rio Alalau, como se pretendesse impedir a fuga de alguém.

Luís Duarte, dando a en-

tender que ia beber água, entrou na casa do acampamento e fechou a porta. Pela fresta da janela, observou então que os índios preparavam suas armas em sinal de guerra. Quando Rafael percebeu a intenção dos indígenas, saiu correndo em direção ao rio. Uma flecha no entanto alcançou-o no meio do caminho, atingindo-o nas costas.

Luís conta que não viu o que ocorreu com os outros dois companheiros, mas logo depois, os waimiris iniciavam a dança de guerra, festejando a morte dos três. Eles não tinham entretanto se esquecido de Luís. Atearam fogo no telhado e começaram a atirar flechas e pedras sobre a casa. A salvação de Luís foram as explosões de galões de óleo diesel que havia na sede do acampamento e que formaram uma verdadeira cortina de fumaça, permitindo-lhe a fuga. Para chegar à capital amazonense, ele levou exatamente 11 dias, do dia 16 ao dia 27.

Ontem, o general Antônio Coutinho e o sertanista Gilberto Pinto voaram sobre o local da chacina, num avião da FAB, mas só viram a casa queimada. Os corpos possivelmente tenham sido devorados pelas onças, muito frequentes na região.